

SACADA

Por Aglair Maria Bernardo*

O nome não poderia ser mais apropriado. É bem esse o nome da primeira individual de Cláudio Trindade em exposição na galeria da Fundação Cultural Badesc até o dia 6 de janeiro.

Entendendo a sacada como aquele lugar/tempo ligeiro que faz as idéias escorregarem e se transformarem em conceitos, Cláudio Trindade permite ao observador desbravar sem muito esforço um universo de possibilidades criativas. Em outras palavras, é de pegadas inteligentes a que estou me referindo. Ora você pode ir por ali ora por aqui mesmo, redescobrimo formas e transfigurando sentidos. É quando um dado deixa de ser um dado, é quando Mondrian deixa de ser Mondrian e passa a ser uma referência quase escapista.

É quando a agressividade de um soco inglês e de um cassetete torna-se frágil e delicada. Cláudio consegue de um modo muito singular subverter, expandir e potencializar os sentidos das coisas mais miúdas que encharcam nosso cotidiano. Para além dos objetos o que se vê são gestos em trânsito, de passagem, são deslocamentos que se desdobram em outros e em outros.

Dá até pra ver o artista ludicamente, beirando a inocência para alguns, tateando os dados, as peças de dominó, olhando para o ralo escoando a água enquanto se banha. Mas sacada é também aquele lugar onde posicionamos nosso olhar e contemplamos o tempo apressado, as coisas, as pessoas, a cidade. Lugar voyeur, próprio para nossos rituais urbanos, destinado ao entretenimento solitário.

Há que se ter essa espécie de solidão no olhar para as realizações alquímicas e semióticas de Cláudio Trindade. De inocência, sabemos, o artista não tem nada. Ao contrário, seus gestos são contundentes, aparentemente, mas só aparentemente, suaves.

*Professora Dra. Aglair Maria Bernardo

É Professora Associada IV, do Curso de Cinema, da Universidade Federal de Santa Catarina. Tem experiência na área de Comunicação, Jornalismo, Cinema, Antropologia, Teoria Literária, Arte e Comunicação.